O Primeiro Vigário de Juàzeiro

PADRE AZARIAS SOBREIRA

Merece especial registro o paroquiato de um ilustre cratense, Mons. Pedro Esmeraldo da Silva, que ali foi o primeiro vigário na ordem cronológica.

Sacerdote perfeitamente identificado ao pensamento da Igreja, votado ao sacro ministério até ao sacrifício, foi orador empolgante e culto, além de fecundo e doutrinário. Dele já escrevi e folgo de repetir que lhe calhava com exatidão o clássico e elogioso conceito: — "Vir bonus dicendi peritus." Em vernáculo: — Homem de bem e de palavra eletrizante.

Como, porém, a perfeição não se consegue senão de forma relativa, ao lado de excelentes predicados que o tornavam mira obrigatória nas três dioceses onde trabalhou, deu mostras de umas tantas deficiências que inequivocamente lhe prejudicaram a ação apostólica na terra do Padre Cícero. Isto não obstante, estou persuadido de que, somados os prós e os contras, se o pusermos em confronto com os outros respeitáveis sacerdotes que lhe sucederam de 1921 para cá, a ele competirá a primazia. Era um genuíno homem da Igreja, amando as almas com acentos de apóstolo. Várias vezes tive oportunidade de observá-lo nos seus sermões paroquiais, ou falando em sessões do Apostolado da Oração, como também no atendimento aos enfermos e nas alocuções com que fazia vibrar seus ouvintes nos lares aonde ia entronizar a imagem do Sagrado Coração de Jesus. E sempre regressei positivamente edificado, pois era um padre à altura de sua sublime vocação.

Onde, todavia, as inculcadas deficiências?

A primeira de todas consistiu em ter entrado ali com manifesto propósito de evitar, ao máximo, a convivência com o Patriarca. Abstinha-se não só de vê-lo ordinariamente, mas também não perdia monção de apreciar-lhe a conduta em tom depreciativo. Ignorava talvez que aquêle seu confrade nutria para com ele invulgar simpatia, tanta que, desde o momento em que o vira, pela primeira vez, vestido de batina na companhia de outro candidato

ao sacerdócio, que se chamou Joaquim Ferreira de Melo, começou a esperar que um e outro atingissem as honras do episcopado.

Dir-se-ia que naquelas expansões do Pároco entrasse uma boa dose de bem explicável despique ao perceber que, apesar de seus generosos esforços para o feliz desempenho do sagrado ministério naquela localidade, a maioria de seus amigos e paroquianos, que por ele arriscariam a própria vida, continuavam consagrando filial afeição e apreço ao Padre Cícero.

A segunda deficiência consistiu em querer, por fina força, apenas iniciado o seu paroquiato e logo após a arrazadora sêca de 1919, efetuar na Matriz uma grande e fundamental reforma. Em tôrno do assunto, a opinião pública se dividiu, sendo as preferências no sentido de dar mais tempo ao tempo. O Vigário, entretanto, manteve-se irredutível: ou se dava imediato começo ao trabalho de derribar as velhas torres ou ele abandonaria, inexoravelmente, a Freguesia.

E como lhe chegasse aos ouvidos que alguns exaltados se atreviam a fazer ameaças, como protesto contra a projetada reconstrução, Mons. Pedro Esmeraldo prevalecia-se da tribuna sagrada para reafirmar o inabalável de sua deliberação. E concluía: — Se existir alguém que deseje matar-me, eu mesmo lhe ensino o jeito de realizar seu intento fora das vistas da polícia: é atocaiar-me tal dia na estrada tal, por onde devo passar em tal hora. Peço somente que não me matem dentro da igreja para ser evitada tamanha profanação.

O que aconteceu, porém, no fim de tudo isso, foi o destemeroso homem de Deus abandonar a Paróquia na primeira resistência física que se lhe opôs, ou seja aos primeiros golpes da picareta na primeira tôrre a ser demolida.

Mais uma deficiência: reacendeu, contra o conhecido proceder de Dom Quintino Rodrigues nos seus quatorze anos de vigário daquela terra, e talvez a contragosto deste último, a antiga campanha contra medalhas e retratos do Padre Cícero, que ficou tomando e exigindo, até dos moribundos, como condição de não morrerem sem os socorros espirituais da Santa Igreja.

E bem sabia ele que o seu imediato antecessor e aprumado teólogo que estava sendo o novo Bispo da Diocese, durante o seu longo e frutuoso apostolado, sempre se abstivera de semelhantes indagações por lhe parecerem contraproducentes.

Monsenhor Esmeraldo, no entanto, pleno de ardor e pretendendo realizar tudo sem a devida colaboração do tempo, tomou por demais a sério esses pormenores; e a cada padre ou religioso

que ia ajudá-lo em Juazeiro insinuava o mesmo programa catequético, como objetivo de indeclinável alcance.

Ora, o zé-povinho, supersticioso e carente de formação religiosa, instintivamente se punha de sobreaviso contra semelhantes medidas paroquiais. Outro de mais larga visão e mais viajado limitar-se-ia a seguir a norma do Vigário Quintino Rodrigues que, depois de ter esclarecido as consciências sobre a doutrina da Igreja, ficava esperando, pacientemente, que a boa semente evangélica germinasse nos corações e aos poucos, com o perpassar do tempo e uma catequese regular, desaparecessem preconceitos tão arraigados. Não foi exatamente esta tática seguida, nos derradeiros trinta anos, pelo Episcopado Brasileiro, no caso imensamente mais ruidoso da apostasia do Bispo de Maura?

Para maior glória do nome de Monsenhor Esmeraldo, seja aqui proclamada uma demonstração de sua grandeza de espírito. Decorridos anos do seu afastamento, anos que passou no Rio Grande do Sul e onde se impôs como Cura da Catedral de Pelotas, ao saber que Juazeiro se encontrava novamente sem pároco, rogou ao Diocesano que para lá o reconduzisse com as mesmas responsabilidades paroquiais. E, ali chegado, não perdia ensejo de, em reiteradas práticas, fazer sentir aos fiéis: — Ninguém diga que em 1921 fui embora daqui porque o povo de Juazeiro me tivesse botado para fora. A verdade é bem outra. O culpado fui eu mesmo com as minhas impertinências. Esgotado com a trabalheira em que vivia, meu sistema nervoso se agitava e daí aquelas minhas atitudes um tanto idiotas...

E foi tão bem sucedido nessa segunda fase de governo que, ao finar-se repentinamente, recebeu da população em peso a maior consagração pública que, exceção feita de Monsenhor Tabosa e do Padre Cícero, já foi prestada aos restos mortais de um ministro de Deus em terra cearense. Nada menos de oito a dez mil pessoas, profundamente consternadas, acompanharam-lhe o féretro, conduzido à mão até a cidade do Crato, onde o esperava o jazigo de sua ilustre família, no qual já repousavam as cinzas de seus inolvidáveis genitores.

PERFIL DO PRIMEIRO VIGÁRIO

A saída de Monsenhor Pedro Esmeraldo ocasionou, no **fervet opus** religioso de Juazeiro, uma sensação de pesar e sobretudo de vácuo que dificilmente se conseguiria descrever com exatidão.

No fim de vinte e dois anos de abandono espiritual a que Juazeiro fôra relegado, o múnus paroquial daquele talentoso sacerdo-

te, estoante de zelo, culto e capaz de todos os devotamentos no desempenho do seu sagrado ministério, foi, durante cinco memoráveis anos, uma como varinha de condão sacudindo o torpor geral, despertando juvenis entusiasmos, enchendo de vibração o culto católico sob os mais variados matizes. Mais do que isto: varrendo do cenário a indistinção, o comodismo, a vela acesa a Deus e ao diabo, simultâneamente.

Sua eloquência em propagar o Apostolado da Oração, seus titânicos e sinceros esforços para ver repletas de comungantes as mesas da comunhão, sua cavalheiresca prontidão em atender os moribundos e presidir, pessoalmente, a solene entronização da imagem do Coração de Jesus nos lares, tudo isto aliado a um inescurecível desprendimento pessoal marcou época em minha terra, que jamais o poderia esquecer. Por sinal, em frente à Matriz, bem no centro da praça, já faz muitos anos que se lhe ergueu uma herma, expressivo, mas ainda bem pálido testemunho de gratidão que sobejamente nos mereceu.

O seu ardor missionário, adivinhando as vantagens de uma missão no seio daquele povo sedento de vida evangélica, adotou, menos de dois anos após sua nova investidura, a iniciativa de convidar o saudoso Padre Guilherme Vaessen, então Reitor do Seminário da Prainha e conhecido por sua ímpar atuação apostólica em todo o Norte do Brasil, a ir pregar as santas missões em Juazeiro, no fim de 1917. Padre Guilherme Vaessen aceitou o convite e levou consigo dois dos seus mais distinguidos colaboradores: o belga Luís Van Gestel e o fluminense Jerônimo Pedreira de Castro, marcantes individualidades tanto pelo preparo quanto pelo prazer muito seu de fazer o bem.

Foram dezoito dias de inaudito fervor para aquela gente.

Ao sermão da noite, sempre na praça da Matriz, comparecia uma multidão avaliada em dez a quinze mil pessoas, que tudo ouviam no mais contagiante silêncio, mesmo quando a prática, precedida do têrço e encerrada com o "Senhor Deus Misericórdia" e a bênção com o Santíssimo Sacramento, prolongava-se por mais de duas horas.

Do começo ao fim, ficavam lotados, dia e noite, os confessionários, não obstante ali terem concorrido onze ministros de Deus, expressamente convidados pelo Sr. Bispo, para que não ficasse ninguém sem a recepção dos sacramentos. A alegria popular atingia o auge. Nunca se tinha visto no Cariri, desde os áureos tempos do Padre José Maria Ibiapina, tamanha generosidade, tanto afã em corresponder aos acenos da graça e aos esforços dos representantes da Igreja.

Na penúltima noite foi pregador o Padre Luís Van Gestel que teve, em Juazeiro do Norte, o seu canto de cisne, não só porque sua eloquência saiu coroada de êxitos imprevistos, mas também porque sua frágil saúde entrou a declinar, desde então, até o surgimento da tuberculose pulmonar que trazia em germe e o levou à melhor vida. Sua pregação versou sobre a caridade para com o próximo, de preferência sobre o perdão dos inimigos. Naquela sua voz metálica e através de sua silhueta de asceta, a doutrina do Evangelho focalizando assunto de tamanha significação, já que no amor do próximo se resumem a lei divina e as advertências dos profetas, alcançou ressonâncias dignas do pincel de um artista de gênio. E perorou exclamando com o crucifixo na mão:

— Quem dos meus caros ouvintes não estiver disposto a renunciar suas malquerenças; quem ainda conservar ódio a seu próximo; quem, à vista destas chagas de nosso Divino Salvador, não se comover e persistir em não perdoar como Ele perdoou do alto da cruz, venha até cá e calque aos pés esta sagrada imagem de Jesus Cristo.

Ao impacto de semelhante apóstrofe, do seio da multidão, particularmente da bôca dos homens que eram centenas de milhar, prorrompeu um brado uníssono que se diria saído do próprio Juízo Final: — Nós perdoamos. — Mas vós todos perdoais do mais íntimo d'alma? — Sim, nós perdoamos. — E vossos corações estão dispostos mesmo a abraçar os inimigos pelo amor de Deus — Sim, nós estamos. Nós estamos.

Naquela memorável noite e no dia seguinte, viu-se, na cidade e nos seus arredores, um espetáculo que só de raro em raro se tem registrado na história do cristianismo: as velhas malquerenças foram trocadas por pedidos de desculpa e protestos de afetuosa convivência. Uma semana depois, poderiam talvez ser contados pelos dedos das mãos, os intrigados que ainda persistiam na sua intriga, assim como os casais que, ao cabo de notórios desajustamentos, ainda não se haviam reconciliado.

Coroando aquêles dezoito dias de bênção e júbilo indescritível, chegou do Crato o Bispo Diocesano, Dom Quintino Rodrigues, que dirigiu a palavra de pastor a todo o povo, congratulando-se com ele pelos felizes resultados das santas missões; e administrou o sacramento da crisma a perto de três mil fiéis.

A três diversos fatores deve ser atribuído tão auspicioso resultado: a notória santidade dos missionários lazaristas, o zelo inesmorecido do Pároco Esmeraldo e a irrestrita adesão do Padre Cícero àquela parada de fé. Como em outras oportunidades de igual natureza, a melhor casa de hospedagem que meu torrão natal

possuía e era propriedade do Patriarca, fôra caprichosamente limpa por ordem dele e de bom grado entregue ao Vigário da Freguesia para a confortável instalação de todos os ministros de Deus ali reunidos para tão árdua trabalheira.

Não encerrarei este relato sem dizer a que extremo de solicitude chegava o zêlo de Mons. Pedro Esmeraldo nos primeiros anos de sua atividade em Juazeiro do Norte.

Aspirando a um incessante aumento de comunhões nas primeiras sextas feiras de cada mês, como um indício de afervoramento de seus paroquianos, passava grande parte dos dias precedentes no martírio a fogo lento que era o confessionário de outrora. E como à noite, cada novo mês, afluía número ainda maior de homens no empenho de confessar-se, ele a todos tranquilizava ao vê-los preocupados com o trabalho dali decorrente para o seu desvelado pastor: — Ninguém se retire. Morrerei feliz se morrer no trabalho das confissões dos homens de minha Paróquia.

E muitas vezes atravessava toda a noite naquela exaustiva batalha, só se erguendo, em caráter definitivo, ao amanhecer do dia seguinte para subir ao altar e dar começo à celebração da missa reparadora. E ao Evangelho jamais se abstinha de distribuir o pão da palavra, sempre rica de doutrina e entusiasmo pelo maior alargamento do Reino de Deus na terra cearense.